

## **Claudio Paiva: nos limites da borda**

Pedro Caetano Eboli<sup>1</sup>

Claudio Paiva - O Colecionador de Linhas

Museu de Arte do Rio, Rio de Janeiro

De 11 de novembro de 2017 a 6 de julho de 2018

A obra de Claudio Paiva pôde ser admirada até o dia 6 de julho de 2018, em uma mostra retrospectiva exibida no Museu de Arte do Rio, com curadoria de Evandro Salles e Catherine Bompuis. O artista plástico é oriundo de uma geração especialmente profícua dos anos 1960, que inclui nomes como Cildo Meireles, Antônio Manuel e Artur Barrio. Os múltiplos meios, temáticas e grafismos que compõem esta mostra poderiam levar um espectador desavisado a pensar que se trata de uma exposição coletiva. Contudo, um olhar mais atento permite traçar alguns liames sutis entre suas obras, situando pontos nodais na trama complexa e emaranhada que compõem a potência de sua poética.

Ela é erigida justamente sobre uma imbricação fundamental em que desenho, palavra e espaço trocam propriedades. A natureza multiforme de sua obra se vê metaforizada no próprio modo como o artista pensa as linhas em seus desenhos e pinturas, sempre incapazes de conter uma matéria que teima em extravasar. Assim, mesmo quando Claudio Paiva delimita as bordas muito bem é para levar o espaço euclidiano ao limite de sua própria eclosão.

Vemos esta inteligência formal expressa em suas quinas, onde ecoam os “Cantos” de Cildo Meireles. Mas também nos ambientes absolutamente brancos e inócuos, determinados a partir de algumas poucas linhas retas, onde o artista encena aparições formais e situações abstratas, combinações de letras e equações. Talvez

---

<sup>1</sup>Pedro Caetano Eboli é formado em Desenho Industrial - Projeto de Produto pela UFRJ, com mestrado em Design e Sociedade pela PUC-Rio, onde atualmente cursa o doutorado. Suas pesquisas examinam as relações entre arte, cidade, corpo e política.



ele trate dos espaços brancos da galeria, similares ao neutro da ciência, onde as contaminações dão lugar a uma pureza. Mas a pureza não passa de um mito, e ao romper estas barreiras e afirmar a mistura, o artista vilipendia as certezas que opõem, sumariamente, cheio e vazio, imagem e palavra, abstração e figuração, figura e fundo etc.

Suas primeiras pinturas assumem estes contornos indecisos em representações marcadamente políticas, onde pedaços de corpos certamente aludem à sanguinária ditadura militar que o Brasil atravessava. Embora estes pedaços de carne desfigurados fossem representados de modo a embaralhar as margens entre dentro e fora, masculino e feminino, os contornos são muito bem delineados, com cores fortes e chapadas que remetem aos grafismos icônicos de Wanda Pimentel, com influência Pop.

Já o preto profundo de sua série em guache, ganha dimensão matérica em figuras geométricas e formas orgânicas que zombam da distribuição formal de pesos e equilíbrios na pintura tradicional. Espremidas na moldura, quase sangram - aqui novamente o corpo - e transbordam. São como um rombo, um espaço gravitacional que absorve a luz e por vezes visibiliza nosso próprio reflexo no vidro do quadro. Aqui palavra e desenho partilham o espaço pictórico.

Entretanto, seu uso de texto é muito cauteloso, tanto nesta série quanto em outros trabalhos: ele não emerge de um esforço para produzir uma equivalência com a imagem. Trata-se do espaço de uma tensão irresoluta que alude à Arte Conceitual, que atinge máxima voltagem em suas instalações de bolso. Contudo, apesar de seus trabalhos serem atravessados por um devir conceitual, Claudio Paiva parece intimamente movido por um universo lúdico, em que a criação parece surgir por centelhas, em momentos de distração, através do riso. Esta dimensão pode ser notada especialmente em seus últimos desenhos, feitos com giz de cera sobre lixa, onde também se somam desenho e palavra.

A série visibiliza um grande esforço do artista: a produção de um léxico de formas, permutadas exaustivamente, em desenhos que lembram o Construtivismo de Rubem Valentim. Com este artista, Claudio Paiva compartilha uma certa



independência, uma autonomia que torna difícil limitá-lo no âmbito de uma tradição artística. A desenvoltura de Paiva em transitar por entre as diversas tendências artísticas na segunda metade do século XX - dos quais citamos o Pop, a Arte Conceitual e o Construtivismo - talvez tenha dificultado sua absorção pelos circuitos das galerias e pela própria história de arte.

Entretanto, olhar para o trabalho camaleônico de Claudio Paiva exige justamente um desprendimento destas categorizações estanques, que ele exaure desde seu âmago. É preciso que deixemos o exercício de transbordamento que o artista aplica às suas superfícies gráficas se imiscuir na inclinação historiográfica de delimitar as produções artísticas no âmbito de determinadas tendências temporalmente definidas. Sua produção permite que vislumbremos justamente uma superfície em que todos estes movimentos artísticos estão em contato, se atritando, tamanha a inflexão epistemológica detonada por sua poética.



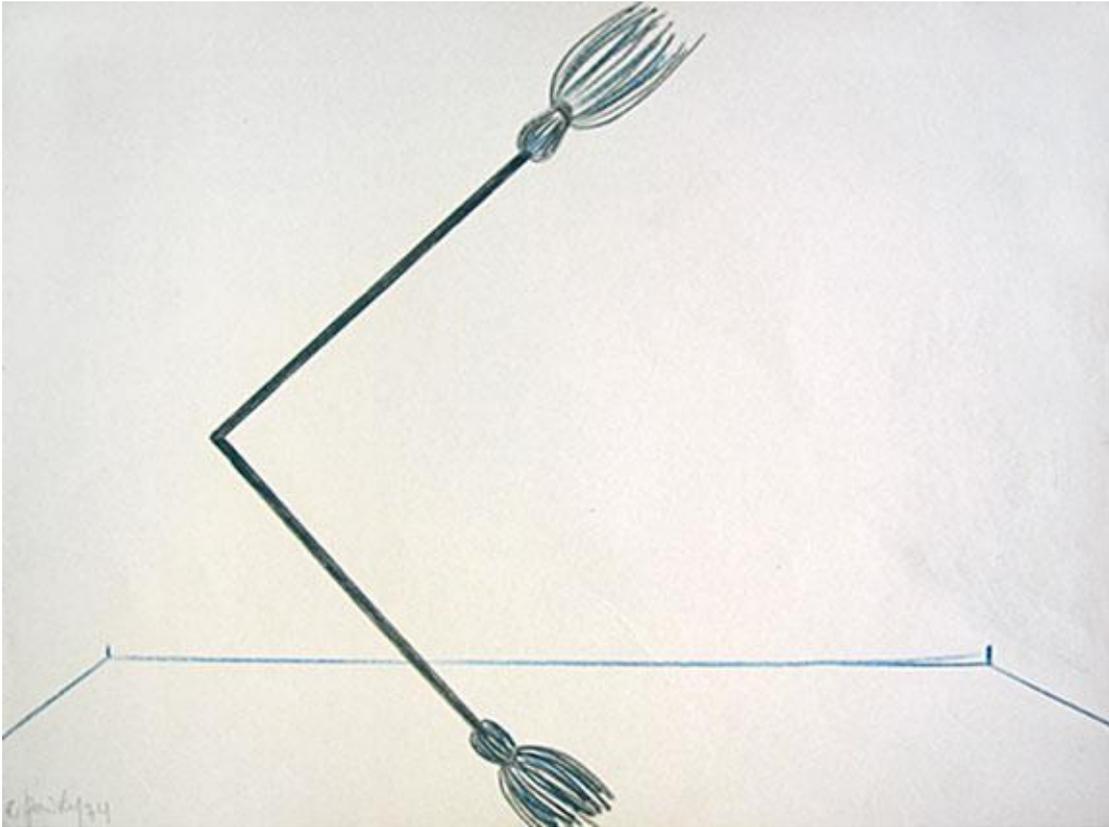
Claudio Paiva - Tempoacteca - Guache sobre papel  
Dimensões: 69x102 cm  
Fonte: Galeria Arthur Fidalgo  
Autoria: s.d



Claudio Paiva - s.d. – s.d.  
Dimensões: s.d.  
Fonte: Divulgação Museu de Arte do Rio  
Autoria: Thales Leite



Claudio Paiva - O Alimento de Alá (instalação de bolso) - Copos de vidro com água e pão  
Dimensões: 50x50x60 cm  
Fonte: Galeria Arthur Fidalgo  
Autoria: s.d.



Claudio Paiva - Sem título - Lápis de cor sobre papel  
Dimensões: 31x44 cm  
Fonte: Galeria Arthur Fidalgo  
Autoria: s.d